

Antonio Candido fala da Década

Convidado a falar sobre a literatura brasileira da década de 30, em palestra que fez ontem, dentro do Curso "Brasil-Década de 30", promovido pela reitoria da USP, o prof. Antonio Candido de Mello e Souza declarou achar mais apropriado discorrer sobre o período de 1930 a 1945, pois as características que tornaram peculiar à década estenderam-se até 1945.

"1930 é o ano de viragem do modernismo, quando ele sofre uma transformação que vai permitir sua incorporação à rotina literária. A aliança muito intensa entre literatura e ideologias, políticas e religiosas, o amadurecimento dos modernistas e o advento do neo-naturalismo no romance, são outras das características literárias do período". — disse o prof. Antonio Candido.

Afirmou que essa foi uma época de profundas modificações nos meios de comunicação literária.

O rodapé dos jornais por exemplo, que antes dessa época era dedicado aos folhetins, foi cada vez mais, se tornando domínio da crítica literária. A produção literária desse tempo foi, por isso, submetida a uma grande vigilância crítica. Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco, Plínio Barreto, Wilson Martins, Sergio Buarque de Hollanda, entre outros, assinavam famosos rodapés.

O período foi propício ao aparecimento de jornais literários como Dom Casmurro e o Planalto, entre outros, e de revistas literárias como a Revista Nova, O Boletim de Ariel, A Revista do Brasil, Vamos Ler, Leitura e de editoras "de apoio à literatura e abertas aos novos como nunca mais houve no Brasil" (Cooperativa Amigos do Livro, admirável sob este aspecto: cada escritor contribuía com 5,00 e tinha o direito de editar um livro de tempos em tempos) e de pequenas editoras corajosas (como a Schimidt, que lançou Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre), Jorge Amado, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz; a Editora Andersen e a Editora Ariel)

SANTA ROSA

"O período em que Santa Rosa fazia as capas dos livros: desta maneira será definido memória" — declarou Antonio Candido.

Depois, conta que todos os escritores do norte e do nordeste "que reforçavam o exotismo de seus livros para valorizar sua produção" foram editados pelas editoras José Olímpio, (que foi crescendo neste período) Schmidt e Ariel. A Editora Globo, por sua vez, "permitiu que se desse uma base material à literatura do Rio Grande do Sul".

Para ilustrar a valorização que passou a ser dada à literatura do Norte e Nordeste, enumera os premiados pela Fundação Graça Aranha, nos períodos: Raquel de Queiroz, com "O XV," em "Menino de Engenho", de José Lins do Rego, em 32; "O Anjo", de Jorge de Lima, em 34; "Mar Morto", de Jorge Amado, em 36.

"A literatura acadêmica, pomposa, foi perdendo cada vez mais terreno e a Academia Brasileira de Letras passa a diminuir de importância. A única manifestação acadêmica importante da época foi a publicação das "Memórias de Humberto de Campos", em 33, o que abriu caminho para a literatura de memória" — declarou Antonio Candido.

"Conta que, mesmo os escritores que repeliam o modernismo, sofriam sua influência temática e formal (Graciliano Ramos, por exemplo) e que o modernismo permitiu a incorporação de qualquer tema e de expressões coloquiais na literatura.

REGIONALISMO

Outro fenômeno importante diz respeito à incorporação do regionalismo à literatura nacional: "Pela primeira vez, considera-se que o regionalismo pode ser a literatura do Brasil, sobretudo a do Norte e Nordeste. O modernis-

mo se ligou à projeção política do Rio Grande do Sul, que se acompanhou da projeção literária. O período foi marcado pela presença constante dos escritores gauchos." — diz.

Fala da intensa impregnação ideológica da literatura da época:

"No mundo inteiro houve uma politização enorme, nesse período. E a impregnação religiosa na literatura chegou a tal ponto que Alvaro Lins chegou a afirmar, na época, que "só um católico pode ser um bom crítico literário" e André Gide foi levado a declarar: "Deus está na moda".

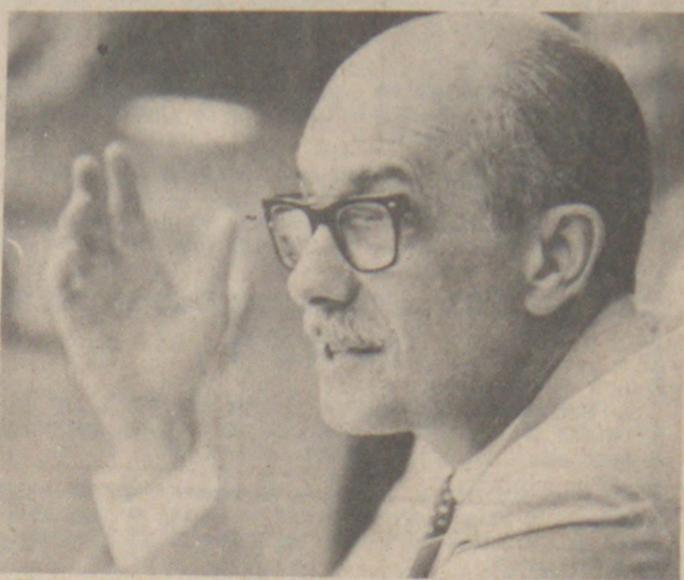
"O mundo inteiro dividiu-se entre cristianismo e materialismo, direita e esquerda, progressistas e reacionários e toda a produção literária foi regida por essas tensões. Os escritores foram para um extremo ou para outro: o polo social e o polo metafísico, individualista". Luta de classes, noção de mais valia, condenação do capitalismo, interesse pelo pobre, aparecem nas obras de marxistas e não marxistas: Amando Fontes, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Clovis Amorim, Cordeiro de Andrade, Aurélio Pinheiro estão entre os que fizeram romance social".

CATOLICISMO

Conta que houve também o romance político ideológico de direita, do qual o representante máximo foi Plínio Salgado, autor de "O Esperado" e "Cavaleiro de Itararé".

"Desenvolveu-se a idéia de que faz parte do ofício do escritor fazer oposição à estrutura vigente. A crítica se politizou; Alceu Amoroso Lima, por exemplo, começa a sobrepor as razões ideológicas às razões estéticas. "Estes é um momento de grande radicalização política no Brasil".

Ponto importante a notar: "12 anos deste período passam-se sob Ditadura. A partir de 37, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso DIP, que patrocinava órgãos de persuasão do povo, como "A Manhã", jornal dirigido por Cassiano Ricardo. Escritores foram presos, expatriados, torturados. O governo ia desde a persuasão até os métodos extremos, o que não impediu que, em 1945, fosse organizado o Congresso de Escritores, de repúdio à Ditadura, presidido por Anibal Machado."



"Era a época em que Santa Rosa fazia capa de livro"

"A literatura católica deste período é da maior importância. O catolicismo estava ligado ao "establishment", mas muitos escritores que não eram nem espiritualistas, nem católicos, sofreram a influência dessa corrente — conta Antonio Candido, que explica: Os radicais preferiam o "romance picadinho" (capítulos e frases curtas) e os regionais, o "romance espraçado" (períodos e capítulos longos).

Otávio de Faria era o líder dos escritores católicos e estes, por sua vez, sofreram a influência de Barreto Filho, que sofreu influência de Proust. Os principais poetas católicos da época foram Murilo Mendes, Jorge de Lima e Vinicius de Moraes.

"Com exceção de Mario de Andrade, a preocupação ideológica dos escritores levou-os a uma preocupação pelos problemas da sociedade e do homem e ao desdém pela preocupação formal. Tanto que Jorge Amado chegou a escrever, como explicação aos leitores de "Cacau": "Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade". Dai haver um certo primarismo em muitos livros daquele período, que tiveram repercussão devido ao seu choque temático, a ponto de nos espantarmos de que tenham tido tanta repercussão".

"Mas muitos ótimos livros, que não acompanharam essa tendência ficaram na sombra "Belazarte", de Mario de Andrade; "Os Ratos", de Dionélio Machado, um dos momentos mais altos do romance brasileiro. Não que não tenha tido repercussão,

mas teve muito menos que Erico Verissimo; "O Economista Belmiro", de Cyro dos Anjos. Isto levou Otávio de Faria a escrever um artigo no Boletim de Ariel, tachando os livros radicais e regionais de "simples depoimentos sobre a mediocridade nacional. Confundi-se romance com testemunho. Está havendo um excesso de Norte". Mas eu acho que o Brasil tomava conhecimento de si mesmo através desse tipo de literatura" — disse Antonio Candido. abordou também as tentativas

O TEATRO

O teatro brasileiro sob a influência da crise política, econômica e social, na década de 30, foi analisado, ontem, à tarde, pelo professor e crítico Decio de Almeida Prado, que abordou também as tentativas de renovação propostas pelo Modernismo.

Segundo o conferencista, "a violenta crise econômica do capitalismo, caracterizado por um período de grande agitação, inclinou para a esquerda o teatro brasileiro. Oduvaldo Viana e Joracy Camargo acompanharam a tendência e a nova ideologia transpareceu nas peças. Período que durou até 1937 quando, o Estado Novo instituiu a repressão ao pensamento livre e a censura teatral".

Juntamente com a nova tendência, apareceram diversas tentativas de renovação com a introdução de problemas político-sociais e econômicos, como em "Deus Lhe Pague", comédia de fundo filosófico que propunha uma reflexão sobre o mundo moderno.

OMEC

ORGANIZAÇÃO MOGIANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

GRANDE SÃO PAULO - MOGI DAS CRUZES

VESTIBULARES

VESTIBULAR EM 24/2/73 ÀS 15,00 HORAS

CURSOS RECONHECIDOS

MORAL E CÍVICA (1.º e 2.º graus),
LETRAS, PEDAGOGIA,
DESENHO E PLÁSTICA,
ESTUDOS SOCIAIS,
CIÊNCIAS SOCIAIS,
PSICOLOGIA: CLÍNICA,
EDUCACIONAL, INDUSTRIAL
ECONOMIA,

ADMINISTRAÇÃO
CIÊNCIAS
RELACIONAMENTO
MATEMÁTICA
FÍSICA

ATENÇÃO: Os portadores de diploma (1.º grau) em C. B. dos de Vestibulares PLENA (2.º grau)

Fotocópia autenticada INSCRIÇÃO

SÃO PAULO: rua C. B. dos de Vestibulares

Telefones: 33-2290 e 33-2291

SÃO PAULO: C. B. dos de Vestibulares

MOGI DAS CRUZES: rua C. B. dos de Vestibulares

2375, 3547 e 4000

SANTOS: rua C. B. dos de Vestibulares

SANTO ANTONIO: rua C. B. dos de Vestibulares

CAMPINAS: rua C. B. dos de Vestibulares